



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arreda-homem/>

Arreda homem que aí vem mulher: Exu–Mulher e as Pombagiras

Gab Dias[1]

Ana Valéria de Figueiredo[2]

RESUMO: Este artigo investiga a presença de Exu e Pombagira como forças vitais, criativas e transformadoras nas cosmologias africanas e afro-brasileiras. Exu, princípio ativo da existência, é compreendido como potência que articula ordem e caos, fertilidade e movimento, distante da dicotomia entre bem e mal do cristianismo. Embora muitas vezes reduzido à masculinidade no Brasil, registros africanos e pesquisas contemporâneas (Alexandre, 2023; Ogundipe, 2012) evidenciam que Exu pode ultrapassar limitações de gênero, sendo simultaneamente masculino e feminino, expressão de complementaridade e fecundidade. No contexto brasileiro, essa pluralidade se manifesta nas Pombagiras, entidades associadas às ruas, ao desejo e à liberdade dos corpos. Marcadas por estigmas de prostituição e promiscuidade, elas ressignificam tais imagens, afirmando-se como conselheiras espirituais, mestras da escuta, da cura e da mediação entre mundos (Prandi, 1996; Haddock-Lobo, 2020; Simas, 2021). A partir de minha vivência em terreiro, destaco o encontro com a Pombagira Cigana das 7 Encruzilhadas, que compartilhou sua história e orientou a criação de uma pintura em sua homenagem. Assim, propomos refletir sobre como Exu e Pombagira rompem limites coloniais e patriarcais, afirmado cosmologias negras e femininas que resistem, criam e reivindicam vida.

PALAVRAS-CHAVE: Exu-Mulher. Pombagira. Encruzilhadas. Exu. Artes Visuais.

¡Apártate, hombre, que aquí viene mujer!: Exu–Mujer y las Pombagiras



RESUMEN: Este artículo examina la presencia de Exu y Pombagira como fuerzas vitales, creativas y transformadoras en las cosmologías africanas y afrobrasileñas. Exu, concebido como principio activo de la existencia, es entendido como una potencia que articula orden y caos, fertilidad y movimiento, distante de la dicotomía entre el bien y el mal propia del cristianismo. Aunque con frecuencia ha sido reducido a la masculinidad en Brasil, registros africanos e investigaciones contemporáneas (Alexandre, 2023; Ogundipe, 2012) evidencian que Exu puede trascender las limitaciones de género, siendo simultáneamente masculino y femenino, expresión de complementariedad y fecundidad. En el contexto brasileño, esta pluralidad se manifiesta en las Pombagiras, entidades asociadas al espacio público, al deseo y a la libertad de los cuerpos. Históricamente marcadas por estigmas vinculados a la prostitución y a la promiscuidad, estas figuras resignifican tales imágenes, afirmándose como consejeras espirituales, maestras de la escucha, de la sanación y de la mediación entre mundos (Prandi, 1996; Haddock-Lobo, 2020; Simas, 2021). A partir de mi experiencia en el terreiro, destaco el encuentro con la Pombagira Gitana de las Siete Encrucijadas, quien compartió su historia y orientó la creación de una obra pictórica en su homenaje. Así, se propone reflexionar sobre el modo en que Exu y Pombagira desafían los límites coloniales y patriarcales, afirmando cosmologías negras y femeninas que resisten, crean y reivindican la vida.

PALABRAS CLAVE: Exu-Mujer. Pombagira. Encrucijadas. Exu. Artes Visuales.

*Arreda homem que aí vem mulher!
Arreda homem que aí vem mulher!
Ela é a pomba gira rainha do cabaré
Ela é a pomba gira rainha do cabaré
Sete homens vêm na frente pra dizer quem ela é!
(Ponto de Pombagira)*



Laroîê!

Abro essa roda pedindo licença ao senhor dos caminhos, Exu! Exu é o Orixá que está relacionado com a transformação, dinamismo e movimento. Ele trabalha no caos para trazer a ordem e na ordem para trazer o caos. É exemplo de criação de vida nas frestas, de recusa à morte silenciosa e de reivindicação da vida. E é, essencialmente, o princípio ativo de todas as coisas que existem. A primeira pulsão de vida.

Nas regiões da África Ocidental e Central, eram cultuadas divindades criadoras como Olodumaré/Olorum (iorubás), Zambi (angola-congoleses) e Mawu-Lissá (povos do Daomé), ligadas à origem do mundo e à manutenção da ordem cósmica. Mais tarde, missionários cristãos passaram a associar essas entidades ao Deus Criador do Cristianismo (Alves, 2013).

Conforme observa Reginaldo Prandi (2001, p. 47), ao se depararem com estátuas de Exu representado com o falo ereto, os primeiros missionários o interpretaram como uma figura demoníaca. Entretanto, segundo Ana Cristina Zecchinelli Alves (2013, p. 24), os africanos não possuíam a noção de diabo ou de um opositor de Olodumaré, e as categorias de Bem e Mal, tal como concebidas no cristianismo e no islamismo, não fazem parte das religiões tradicionais africanas. Os povos africanos não concebem a dicotomia entre bem e mal nos moldes do cristianismo, e o falo ereto, presente em diversas representações, está associado à fertilidade e à semeadura. Nas cosmovisões africanas, Exu não se opõe a Deus, pois não existe uma separação entre o sagrado e o profano — categorias de origem eurocêntrica. E, como sugere Durkheim (2003, p. 23):

a coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve e não pode impunemente tocar. Claro que essa interdição não poderia chegar a ponto de tornar impossível toda comunicação entre os dois mundos, pois, se o profano não pudesse de maneira nenhuma entrar em relação com o sagrado, este de nada serviria.

É importante destacar que Exu não era compreendido como uma divindade exclusivamente masculina em todos os contextos africanos. Como observa Cláudia Alexandre (2023, p. 22) em *Exu-Mulher e o Matriarcado Nagô*, se Exu não é o diabo cristão, também não pode ser reduzido à masculinidade imposta ao seu culto no Brasil; a autora discute justamente o processo de masculinização e demonização dessa divindade:



Em algumas localidades da África Ocidental, encontrei imagens do orixá Exu masculino acompanhado da figura feminina. São figuras que não ganharam popularidade e cultos públicos no Brasil. Em África, muitos objetos sagrados evidenciam as diferenças anatômicas do par: ele com seu falo desproporcional, apito e gorro; ela com seios e vulva demarcados e à mostra, joias e, às vezes, acompanhada de figura que remete a uma criança. As figuras apresentam penteados alongados, uma marca da identidade do orixá. Em alguns lugares, Exu é cultuado exclusivamente por mulheres e está associado não apenas à fertilidade, como à fecundidade e à maternidade. (Alexandre, 2023, p. 25)

A escritora Cláudia Alexandre também o descreve como “a divindade central de diversos grupos étnico-africanos, que o consideram o grande detentor dos princípios masculino e feminino de todos os seres viventes” (Alexandre, 2023, p. 23). Em um levantamento feito por Ayodele Ogundipe em *Èṣù Èlégbára: Chance, Uncertainty in Yorùbá Mythology* (2012), o autor evidencia que Exu ultrapassa as limitações de gênero. Sua pesquisa demonstra que, na concepção autóctone, Exu aparece representado tanto em formas femininas quanto masculinas, o que desconstrói a noção de uma divindade exclusivamente fálica.

Ogundipe conclui que, como divindade e, mais ainda, como deus contrário, Exu não se limita aos limites humanos do possível. Por exemplo, ele não está restrito a distinções humanas de gênero ou sexo; ele é, ao mesmo tempo, macho e fêmea. Embora sua masculinidade seja retratada como visual e graficamente avassaladora, sua feminilidade, igualmente expressiva, torna sua enorme sexualidade ambígua, contrária e sem gênero. (Alexandre, 2023, p. 41)

Nas tradições africanas, a representação de pares que articulam o feminino e o masculino não se limita a uma dualidade simples, mas expressa a complementaridade fundamental, a fecundidade e a fertilidade como forças de geração da vida, além do equilíbrio que sustenta o cosmos e a existência.

No contexto brasileiro, entretanto, o culto a Exu-Mulher aparece sobretudo associado às entidades conhecidas como Pombagiras — espíritos de mulheres que, em vida, foram frequentemente marginalizadas em razão de gênero, raça, classe social e por desafiarem as normas patriarcais de dominação masculina (Prandi, 1996; Haddock-Lobo, 2020; Simas, 2021).

POMBAGIRA. Nome genérico de várias entidades da umbanda brasileira, que são como Exus em versão feminina. O nome deriva do quicongo mpambu-a-nzila (em quimbundo, pambuanjila), “encruzilhada”, por intermédio da forma Bombonjira, denominação de Exu (guardião dos caminhos que se cruzam) em candomblés de origem banta. Algumas dessas entidades, a cujas denominações é quase sempre anteposto o qualificativo “Pombagira”,



são Pombagira Cigana, Menina, Molambo ou Maria Molambo, Maria Padilha, das Almas, das Encruzilhadas, da Praia, Malandra (Lopes, 2014, p. 1144).

Os marcadores interseccionais de raça e gênero atravessam a liturgia e a imagética das Pombagiras. Audre Lorde (1984), Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2016) e Lélia Gonzalez (2019) são algumas das ativistas negras que abordam a interseccionalidade como chave de análise. Nesse sentido, as Pombagiras, ao romperem com imposições tradicionais, afirmam poder sobre o próprio corpo e a própria sexualidade e “emergem como uma força contra-hegemônica feminina, transgredindo as normas coloniais” (Santana, 2024, p. 733).

Sobre a interseccionalidade, a ideia-conceito foi enunciada em 1989 por Kimberlé Crenshaw frente aos movimentos de mulheres negras dos Estados Unidos. Como aponta Pereira (2021), Crenshaw (1989) criticava as análises que se utilizam de gênero ou raça como categorias unitárias que acabam por levar ao apagamento teórico de mulheres negras, principalmente sobre conceitualização, identificação e enfrentamento à discriminação racial e “por sexo”. Assim, articular as categorias imagéticas com a representação dessas mulheres independentes, que desafiam as normas sociais, é central para ampliar a compreensão desse apagamento histórico, construído passo a passo no cotidiano.

A esse respeito, Pereira (2021, p. 447), sobre o posicionamento de Crenshaw, aponta que:

gênero, raça e classe, bem como outros eixos de opressão (etnia, nacionalidade, religião, sexualidade, geração, habilidade/deficiência ou outros, a depender do contexto), configuram “sistemas de subordinação/discriminação” que não são totalmente distintos ou mutuamente excludentes. Ao contrário, eles sobrepõem-se e entrecruzam-se, e, de maneira dinâmica, criam intersecções complexas e geram desigualdades básicas e posições relativas entre mulheres, grupos étnicos ou raciais, classes sociais etc.

Os pontos cantados das Pombagiras costumam enfatizar sua independência e sua ligação com os poderes das ruas, afastando-se da visão de mulheres subordinadas ou reduzidas à objetificação. Muitas vezes chamadas de “mulheres da rua”, prostitutas ou figuras promíscuas, carregam um estigma social que é ressignificado no contexto religioso afro-brasileiro, no qual elas se manifestam como conselheiras espirituais de grande potência, guardiãs de segredos afetivos, sexuais e existenciais. São mestras da escuta, da cura e da mediação entre mundos, atuando especialmente em questões ligadas ao desejo, à dor e à liberdade dos corpos.



A pombagira é resultado do encontro entre a força vital do poder das ruas que se cruzam e a trajetória de encantadas ou espíritos de mulheres que viveram a rua de diversas maneiras, tiveram grandes amores e expressaram a energia vital através de uma sexualidade aflorada e livre. (Simas, 2021, p. 78)

As Pombagiras chegam no terreiro dançando para afirmar sua identidade em movimento (Haddock-Lobo, 2020, p. 108) e dão gargalhadas que, de acordo com Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018, p. 90), “é a gargalhada da mulher pintada como vagabunda que versa o poder feminino interseccional, antirracista das ruas, esquinas e terreiros da diáspora africana”.

O riso é afrontoso de uma moral e de uma ordem que o patriarcado institui como indecente. Ao contrário, a decência, sobre os preceitos morais de “boas maneiras”, se dá sobre o “saber como se comportar” socialmente, sem escândalos, mas como “bela, recatada e do lar” [3]. Uma mulher que é dona de seus caminhos fere de morte o patriarcado. É Michelle Perrot (1988, p. 219), sobre “os excluídos da história”, que fundamenta essa gênese: “as teorias antropológicas da segunda metade do século XIX, [...] desenvolvem o tema da mulher sedentária, civilizadora, conservadora, em oposição ao homem nômade, guerreiro, caçador, predador, mas também descobridor e criador”.

Desse modo, as ciências, em seu racionalismo reinante, forjam as representações da mulher e seus papéis, estereótipos que lhe conformam os hábitos, atitudes, maneiras de ser e estar no mundo. Destina-se à mulher o espaço da casa, da organização do interior, do cuidado. A rua não é para “mulheres de bem”...

Representando a imagem

Para aproximar minha pesquisa da realidade dos terreiros — e também da minha própria vivência neles — tive a chance de conversar com a Pombagira Cigana das 7 Encruzilhadas, em uma consulta particular no Terreiro Casa de Caboclo Gira Mundo, em Vila Isabel, Rio de Janeiro, onde participo como médium e filho da casa. Especialista no baralho cigano, ela costuma atender em consultas longas, que atravessam horas. Nesse encontro, falei sobre minhas pesquisas acadêmicas e, com muita generosidade, ela aceitou colaborar, me contando sua história e me dando liberdade para pintá-la, me auxiliando em cada detalhe.



Ela me revelou que, em vida, chamava-se Dalila e pertencia a uma família cigana que vivia na zona rural do Rio de Janeiro. Disse que muitas mulheres que “morrem de amor” se tornam Pombagiras, e contou que sua morte aconteceu em uma briga com o homem que amava — ele também faleceu, mas seguiu outros caminhos espirituais, enquanto a ela coube o destino de se tornar Pombagira Cigana das 7 Encruzilhadas, trabalhando nos terreiros para lidar com seu *karma*.

Descreveu-se como uma mulher esbelta, de cabelos longos e escuros, e fez questão de orientar como gostaria de ser retratada: repleta de joias, acompanhada de uma quartinha vermelha com moedas, uma rosa vermelha e outra amarela, um alguidar com frutas — maçã, uva e morango — além das 7 encruzilhadas e 7 velas vermelhas, que eram essenciais. Pintei seu retrato com todo o cuidado e, assim que terminei, voltei ao terreiro para lhe mostrar, ansiosa por sua aprovação. Dona Cigana das 7 Encruzilhadas gostou da produção artística e autorizou que fosse colocada neste trabalho a imagem que segue no texto.

Figura 1 — Pombagira Cigana das 7 Encruzilhadas



Fonte: Pintura com tinta acrílica e tinta óleo sobre tela 40 x 60 cm. Acervo pessoal, autoria Gab Dias (2025).



Sobre a representação imagética, Figueiredo (2023) reflete que uma imagem nunca é inocente retrato desprovido de significação. É documento sócio-histórico de uma época, de um lugar, de um grupo social, atestado de usos e costumes. É formadora de identidades que se constroem no cotidiano. Partindo desse pressuposto, investigar imagens é construir um discurso visual de um determinado tempo-espacó, com uma história prenhe de significações explícitas, tanto quanto simbólicas.

A representação imagética refere-se à produção e à interpretação de imagens como formas de construir e comunicar significados e envolve processos culturais, estéticos e cognitivos, que se comunicam entre si e atuam como mediadores de crenças, ideias, valores, experiências e visões de mundo. Nesse sentido, imagens são lentes com as quais empreendemos leituras do mundo, com suas possíveis e múltiplas interpretações. Essa representação não é neutra e dialoga/reflete contextos culturais, históricos, sociais e políticos: estudar a imagem é compreender sua potência simbólica e formativa.

Para Figueiredo (2023, p. 38):

fica visível a importância das representações e o quanto simbólicas elas são, visto que servem de mapas, de referência na fluidez das relações sociais, nos locais, nas paisagens sócio-históricas e culturais. Visíveis nas imagens fotográficas [entre outras] também se fazem os discursos, de onde são emanados, quem os profere e para qual audiência, quando se atribui sentido às representações.

Assim, ao representar imageticamente Pombagira Cigana das 7 Encruzilhadas as narrativas que sofreram insistentes formas de apagamento se materializam, fortalecendo os vínculos das manifestações que foram subalternizadas por normativas civilizatórias eurocentradas e excludentes. A imagem é a potência das palavras que se torna visível, realizada como poder de muitos fios que nos formam e nos sustentam.

Algumas considerações

Diante do panorama aqui apresentado, mesmo que breve, pode-se compreender que o feminino de Exu passou por um processo de apagamento a partir das travessias do Atlântico — processo



que resultou na diáspora africana e que teve início durante o período colonial. A população negra precisou reconfigurar e reinventar suas crenças, manifestações culturais e religiosidade.

A potência exusíaca encarnada no feminino é o que desestabiliza e transgride as regulações dos modos de ser calçados em princípios racistas e patriarcas conservadores das heranças do colonialismo. A Pombagira e as suas amarras de encante configuram um amplo repertório de antidisciplinas versadas nas encruzadas. Essas ações táticas problematizam e reposicionam as dimensões de gênero em uma sociedade que tem o sexismo (incluindo nesse, o machismo) e o racismo como fundamentos. (Rufino; Simas, 2018, p. 90)

As trajetórias de Exu e das Pombagiras, articuladas entre mitologia africana, práticas religiosas brasileiras e experiências de terreiro, revelam a força de entidades que escapam das normatividades coloniais de gênero, moral e religiosidade. Se Exu tensiona as fronteiras entre ordem e caos, masculino e feminino, sagrado e profano, as Pombagiras atualizam essa mesma potência ao afirmarem sua presença interseccional nas ruas, nas encruzilhadas e nos corpos que se movem em dança, gargalhada e desejo.

Propondo uma “religação entre o rito contemporâneo e a mitologia ancestral” (Camargo, 2010, p. 121), a pintura da Pombagira Cigana das 7 Encruzilhadas, realizada em diálogo direto com a entidade, retrata sua materialidade simbólica e constitui também um gesto de escuta, de reconhecimento e de reencantamento ligado ao fazer artístico.

É nesse encontro entre teoria, ritual e criação artística que se afirma a continuidade das cosmologias afrodiáspóricas, abrindo caminhos para outras formas de pensar, viver e representar o mundo.

Bibliografia

ALEXANDRE, Cláudia. **Exu-Mulher e o Matriarcado Nagô**. Rio de Janeiro: Aruanda, 2023.

ALVES, Ana Cristina Zecchinelli. **“Quando o certo é errado e o errado é certo”**: Reinações e peripécias de Exus no Brasil. [S. l.]: Departamento de Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2013.

CAMARGO, Denise Conceição Ferraz de. **Imagética do candomblé, uma criação no espaço mítico-ritual**. [S.l.]: Universidade Estadual de Campinas, 2010.



DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGUEIREDO, Ana Valéria de. **Fotografias de Professoras**: uma trajetória visual do magistério em escolas municipais do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. Curitiba: Appris, 2023.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Deixa a moça dançar!** Arruaças: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. [S.I.]: Selo Negro Edições, 2014.

SANTANA, Kátia Cilene Souza; DRUMMOND, Washington Luís Lima. O poder da encruzilhada contra o patriarcado: Lélia Gonzalez, Pomba Gira e Eu(s). **Anais do Seminário de Pesquisa do DLLARTES 2024.1**— Fábrica de Letras, p. 725–743, jan. 2024.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo No Mato**: a ciência encantada das macumbas. [S.I.]: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbandas**: uma história do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. **Civitas** 21 (3): 445-454, set.-dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/h7rvGvv5gNPpkm7MjMG6D5c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2025.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu. **Revista USP**, São Paulo, nº 50, p. 46-63, jun./ago. 2001.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. **Herdeiras do Axé**. São Paulo: Hucitec, 1996.

OGUNDIPE, Ayodele. **Èṣù Èlégbára**: Chance, Uncertainty in Yorùbá Mythology. Ilorin, Nigeria: Kwara State University Press, 2012.

Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025



[1] Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes. E-mail: gab99dias@gmail.com

[2] Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Docente do Programa de Pós-graduação em Artes. E-mail: anavaleriadefigueiredo@gmail.com

[3] Os três adjetivos correspondem ao título da reportagem publicada pela Revista Veja, apresentando Marcela Temer, mulher do então vice-presidente, Michel Temer em 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 14 set. 2025.